

FRAGMENTOS DE UM MUSEU

FRAGMENTS OF ONE MUSEUM

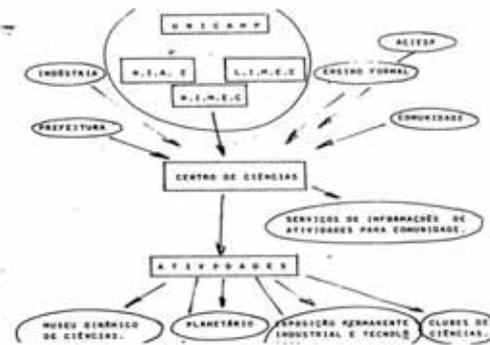
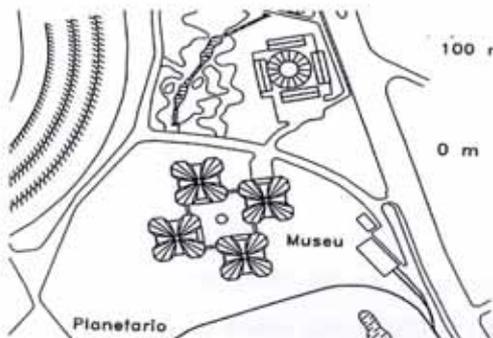
Cristina de Carvalho Barão



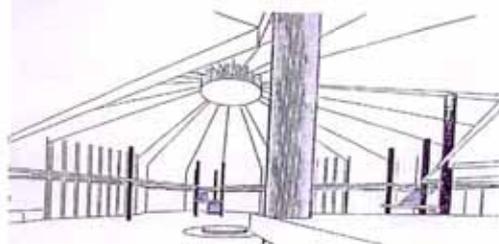
ra a efetivação do processo educativo, de todas as oportunidades para o aluno sair de seu lugar de vida e estu-
tineiros, para que seja ampliada sua visão sobre os aspectos
ográfico social, étnico / racial e cultural. Não são excursões
tudo do meio, passeios educativos, mas também os livros
e diversos meios de comunicação devem ser viabiliza-
tizados como instrumentos de ampliação do esp
colar. Para isso necessita-se de internet, profissio-
nais qualificados e manutenção dos equipamentos p
plementar adequadamente a parte pedagógica da l
rtanto, é imprescindível a manutenção dos projeto-
tentes, como o Museu Dinâmico e NTE, bem com
orno de projetos que foram positivos, como é o caso
scola vai ao cinema".
"precisamos que há uma grande necessidade de nos

copi, porque o tempo real p/ utiliz
e de 1h e 30 min., e a duração em
mentos nos permite uma comunicação
mais qualitativa.
• Pesquisa na internet (texto/fotos) sob
a água doce, locais hidrográficos,
Internacional da Água doce.

10/03 → manhã: Andrea, Conceição,
Helena S, Rosany
Reunimos ideias para projeto fut
desenvolver a história do Parque Botânico
e MUSEU.



Vista interior de um módulo do Museu



LEI n.º 5181 DE 11 DE DEZEMBRO DE 1981.

AUTORIZA O PODER EXECUTIVO A FIRMAR CON-
VENIO COM DIVERSAS ENTIDADES, VISANDO A CRIAÇÃO E MANU-
TENÇÃO DO CENTRO DE CIÊNCIAS DE CAMPINAS.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Munic-
pio de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1.º - Fica o Poder Executivo autorizado a firma
convênio com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Academi
de Ciências do Estado de São Paulo (ACIESP) e a Fundação da Universidad
Estadual de Campinas (FUNCAMP), visando a criação e a manutenção do Cen-
tro de Ciências de Campinas.

Artigo 2.º - As despesas com a execução desta lei corre-
rão por conta de dotações próprias do orçamento vigente e dos orçamentos
dos próximos exercícios, suplementadas se necessário.

Artigo 3.º - Esta lei entra em vigor na data de sua publi-
cação, revogadas as disposições em contrário.

FAÇO MUNICIPAL DE CAMPINAS, AOS 11 DE DE-

Fragmentos. Extratos¹. Museu inabitado. Escola e espaços não-escolares. Cirandas cheias de brumas e concretudes à espera de outros tempos/espaços, com professoras, alunos e público. No parque, no museu.

Às vezes é preciso usar a lupa, o binóculo, limpar os olhos e os óculos e (re)colocá-los para enxergar o que já é conhecido, (re)ver os caminhos já percorridos, deixar que as coisas e os espaços possam também se expressar.

Focalizar as palavras impressas do espaço Museu Dinâmico de Ciências de Campinas (MDCC)² e encontrar o documento oficial que data o início de seu funcionamento em 1982. Rever projetos arquitetônicos para a construção do espaço de museu, juntamente com fragmentos de registros de outros tempos, em relação ao seu início, mas que parecem atemporais pelos contextos a que se referem.

Num emaranhado de papéis e documentos, na verdade, uma pasta repleta de papéis amarelados, repousa uma história de um local que insiste na sua existência. Só que agora não é aquela história dos papéis que quer ser contada, e sim outra, pelos espaços e contada pelas coisas do próprio museu.

Há um outro chamado e uma outra possibilidade de leitura daquele mesmo espaço já investigado em outros tempos. Desafiadora em si, essa outra leitura vai se desenrolando e acontecendo nas linhas, nas entre-linhas de muitas palavras por aqui escritas. Há imagens e palavras nesse trabalho e, em alguns momentos, elas são objetos/artefatos.

¹ Este artigo é composto de extratos de textos e imagens retirados da dissertação de mestrado “Entre brumas e concretudes, o Museu Dinâmico de Ciências de Campinas como imaginante espaço de educação” – Unicamp-Faculdade de Educação, 2007.

Autora: Cristina de Carvalho Barão

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Imagens: Alik Wunder

² O MDCC foi instituído em agosto de 1982, resultante de um convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Campinas, a UNICAMP, a Fundação da Universidade de Campinas (FUNCAMP) e a Academia de Ciências do Estado de São Paulo (ACIESP) e foi inaugurado oficialmente depois de cinco anos, em outubro de 1987, quando o prédio do planetário e duas de suas oficinas foram abertas ao público. Ele foi coordenado pelo Núcleo Interdisciplinar para Melhoria do Ensino de Ciências (NIMEC-UNICAMP), desenvolvendo atividades voltadas para o ensino de Ciências entre professores e alunos da UNICAMP e da rede pública de ensino de Campinas: municipal e estadual. O MDCC, desde sua fundação, esteve vinculado à Secretaria Municipal de Cultura Esportes e Turismo e à Secretaria Municipal de Educação, mas durante o período de 1999 a 2004, tornou-se o único museu municipal vinculado diretamente à Secretaria da Educação de Campinas. Em janeiro de 2005, até a presente data, o MDCC passou a ser administrado exclusivamente pela Secretaria de Cultura e suas atividades abertas ao público escolar e não escolar foram suspensas.

Nessa abertura/apresentação dos trabalhos, são os fragmentos de algumas imagens que foram compostos para se apresentarem ao leitor/espectador. Composição inspirada na artista visual Rosângela Rennó³. A artista não é fotógrafa, mas utiliza os fragmentos, os resíduos, o que é esquecido de outras fotografias para compor novas imagens e, assim, novas leituras e (con)textos são desvelados.

O existente e o imaginado podem estar juntos nessas composições de imagens. Nelas há espaço e possibilidade de coexistência para tempos diferentes. Então, o olhar atento e pausado do leitor/espectador possibilitará também uma outra leitura para não apenas um local específico, mas o de tantos outros locais que, trazidos pelas suas sensações e memórias, possam ter também semelhança com este aqui estudado: o MDCC.

³ RENNÓ, Rosângela. *Arquivo Universal. rio de Janeiro: Cosac & Naif, 2005.*



AS BRUMAS E SUAS CONCRETUDES

Os (não) cuidados vão sendo evidenciados pela concretude dos descascados e das rachaduras espalhadas pelas paredes e pelo chão. A ferrugem da torneira grita um pedido de mudança ou um cuidado. O chão parece tão duro, tão seco, rachado também.

Todos estão num mesmo espaço, convivem juntos. Poderiam estar em tantos outros lugares e tempos diferentes. Mas aqui não. Estão ao mesmo tempo, lado a lado.

Tão feitos de matéria concreta: cal, areia, tijolos, pedras e já tão desgastados, quase virando fumaças ou perdidos nas poeiras que os encobrem...

Penso nas névoas, nas brumas. Recorro ao filme “As Brumas de Avalon” para descansar ou suavizar meu olhar dessas imagens/resíduos. O filme tem fotografias/imagens de grande beleza. E as brumas, então, que encobrem a ilha mágica de Avalon? As imagens das brumas são suaves, transportam para um espaço/tempo que não se fixa, que é tênue e é passagem do visível para aquilo que apenas os olhos não conseguem captar, o invisível...

Aqui o espaço do MDCC também parece estar envolto nessas brumas dos (não)cuidados. Talvez a beleza da composição das imagens apresentadas esteja justamente na força que elas representam ou querem dizer.

São imagens que estão longe de serem suaves como brumas, mas são fortes pelos sentidos que carregam em si. Concretas demais.

Sentimentos, memórias, angústias, novas perspectivas são por estas imagens também revividas e despertadas no espectador. Para onde elas levarão? Não importa tanto identificar o local em si, mas deixar que ele se apresente.

E se forem vários os locais que essas imagens conduzam ou indiquem? Também não há motivo para tantos estranhamentos. Num mundo contemporâneo, repleto de tantas imagens, é possível que o melhor seja percorrer o caminho com elas...

OS IMAGINANTES ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO

As muitas composições de imagens são aqui possíveis de serem também vistas como espelhamentos, seja pelo sentido de terem a própria imagem refletida em outra superfície, ou pelo sentido de parecerem verdadeiramente reflexos de outras.

Laboratório grafitado contrapondo o outro laboratório com suas materialidades de vidrarias. Realidade de um e reflexo do outro? Mas se um deles é apenas um cenário de um laboratório de biologia, um espaço recriado, qual deles poderia ser o real?

A parede, com o concreto dos elementos que a compõe. E as névoas e as brumas espelhadas. Coexistências, multiplicidades de sentidos e idéias.

Água que indica passagem, fluidez e parede de concreto que remete a algo que fixa, que prende e estagna.

Os espelhos que refletem as imagens e as imagens que se refletem nos espelhos. O que é possível de ser visto é o mesmo que se pode enxergar?

“A suposta existência”

“...Existe, existe o mundo

Apenas pelo olhar

Que o cria e lhe confere

Espacialidade?

Concretude das coisas: falácia

De olho enganador, ouvido e falsa

Mão que brinca de pegar o não

E pegando-o concede-lhe

A ilusão da forma

A ilusão maior a de sentido?”

(Carlos Drummond de Andrade)



Pensar o museu e os outros espaços da educação não-formal como um espelhamento da escola é uma possibilidade de estabelecer reflexão e diálogo entre estes espaços. Na existência de um movimento para buscar sempre uma referência de trabalho/atuação naquele outro lugar que é mais característico e familiar, também estar professora no museu leva a uma busca de referência na imagem da professora que está na escola.

Os espaços escolares sempre tiveram uma centralidade nas discussões, pesquisas, estudos e investigações dentro do campo da educação. Entretanto, permaneceram à margem, quase na borda, os outros espaços de educação não formal como as organizações não governamentais, os museus, os sindicatos, os espaços de educação comunitária e religiosa.

Estes outros espaços margeantes aos escolares, espaços de educação não-formal oferecem muitas possibilidades para se (re)pensar a própria educação formal ou escolarizada. São contrapontos importantes e interessantes de serem investigados e podem ser fonte de inspiração para outras possibilidades de atuação e trabalho a professores, gestores e alunos em diferentes níveis de ensino.

Porém é muito difícil desconsiderar que um espaço de educação busque seus reflexos e espelhamentos no outro: ora a escola elabora suas propostas pensando numa aproximação com as atividades realizadas em outros espaços educacionais, ora esses outros espaços buscando criar boas condições de atendimento ao público, repetem modelos de atividades escolares. Nessa vontade/necessidade de diferenciação, museu e escola querem se enxergar através de seus próprios espelhamentos. Mas com isto eles se vêm pelos seus (não) lugares, através de suas sombras, na busca constante de suas próprias visibilidades e possibilidades.

ESPAÇOS INABITADOS

“ ... eu acho que a gente deu conta sim de trabalhar na nova proposta do museu e a gente teria até conseguido muito mais coisas se tivéssemos tido mais apoio institucional...Faltou, né... Mas é uma experiência que eu não me recusaria a repetir. Eu repetiria umas dez vezes... O que eu acho é que as pessoas não conhecem o espaço. A questão é política até. É um espaço que politicamente não vira: a Unicamp, não sei se esse convênio, sabe... É um problema de construção, de gestão, de como o museu foi inserido na Prefeitura, de qual foi a importância que foi dada para ele”⁴

Convênios institucionais que não se firmaram ou não se concretizaram para a viabilização de recursos materiais e humanos no gerenciamento do espaço do museu: entre o concreto dos recursos de que se tem necessidade para existir, vêem-se as brumas das negociações e de parcerias que possibilitariam a existência mais efetiva do espaço.

Sem a clareza de determinações referentes às obrigações entre as instituições de parceria com o MDCC, este último ficou sempre à espera de condições para seu amplo funcionamento. As parcerias aconteceram, mas sem um vínculo formalizado entre as instituições Unicamp/ Prefeitura Municipal de Campinas e Secretarias Municipais da Educação e/ou Cultura.

Então, o que é possível de ser visto, de ser encontrado no museu atualmente?

Espaços vazios, inabitados.

Onde estão as pessoas, as professoras que habitavam o museu? E o público escolar e não escolar que transitava entre oficinas, projetos e exposições do MDCC?

O banco está vazio. As bancadas do laboratório estão vazias à espera de coisas. As cadeiras vazias esperam por pessoas. Onde estão todos?

⁴ Entrevista realizada com a Prof^a Cida em 18/04/2005.



REFERÊNCIAS

BRADLEY, Z. M. **As Brumas de Avalon** (Livro 1 – “A Senhora da Magia”). Tradução de Waltensir Dutra. Imago Editora LTDA, RJ, 1982.

COSTA, M. V. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

FAHL, D. D. **Marcas do ensino escolar de ciências presentes em museus e centros de ciências**. 2003. 201 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre Terceiro setor**. São Paulo, Cortez, 1999.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros Sociedade afora**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: UNESP, 2000.

PLACER, F. G. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. In: LARROSSA, J. e SKLIAR, C. **Habitantes de Babel: políticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

RENNÓ, R. **Arquivo universal**. Rio de Janeiro: Cosac & Naif, 2005.

VILELA, E. **Corpos Inabitáveis. Errância, filosofia e memória**. In: LARROSSA, J.; SKLIAR, C. **Habitantes de Babel: políticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CRISTINA DE CARVALHO BARÃO

Mestre em Educação, pedagoga, professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas.

E-mail : cristinabarao@ig.com.br

Recebido em: 10/03/2008

Publicado em: 20/10/2008